

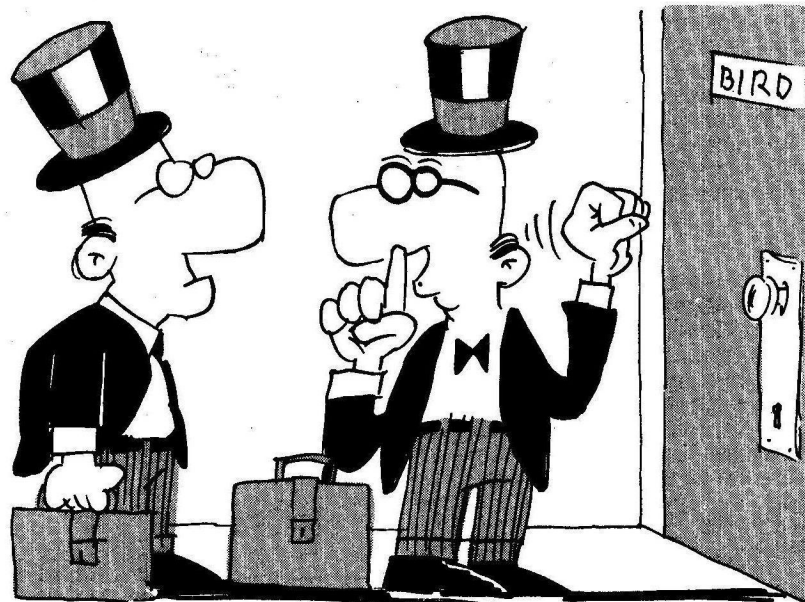
Bird não acredita em solução de curto prazo para a dívida

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — Uma análise da dívida externa dos países em desenvolvimento, que o Banco Mundial (Bird) está divulgando hoje, aqui, conclui que “o fim para a crise da dívida permanece ilusório”. No que diz respeito ao Brasil, a situação não parece ser boa. Ao antecipar o documento à imprensa, o Vice-Presidente e Economista-Chefe do Bird, Stanley Fischer, previu que o País poderá ser forçado a voltar à mesa de negociações em 1989, especialmente por causa do processo inflacionário.

— Um alívio para o peso da dívida externa é algo necessário para que os países em desenvolvimento possam crescer. E as agências multilaterais têm um papel crucial nisso — segundo afirmou Stanley Fischer. Ele acha que o papel do Banco Mundial nessa estratégia é de participar na reestruturação do crédito aos países, através de co-financiamento e vários tipos de garantia, mas ainda não sabe, a esta altura, como fazer para que esta meta seja alcançada.

A dívida externa total dos países em desenvolvimento está atingindo US\$ 1,3 trilhões este ano. Ou seja, o equivalente a 50% da soma de seu Produto Interno Bruto. Esse total representa um aumento de US\$ 39 bilhões da dívida este ano — ou seja, 3% a mais que no ano passado. Pelos registros do Banco Mundial, o Brasil



está devendo hoje US\$ 120,1 bilhões.

Desde 1983, segundo a diretoria do Banco Mundial, foram feitas pouco mais de 70 propostas para resolver a questão do débito pendente, mas muitas delas continuam sendo encarradas como saídas controversas. A solução que parece mais viável ao Bird é uma combinação entre redução voluntária da dívida, manutenção de programas de ajustes, fortalecimento do papel catalítico das instituições financeiras internacionais, e “significativas mudanças no sistema de impostos e regulamentos

financeiros nos países industriais”.

A estratégia da conversão da dívida em investimentos, por exemplo, ainda apresenta vários desafios, segundo a diretoria do Bird. O mais importante deles é o fato de que os investimentos vão para o setor privado, enquanto a maior parte da dívida é pública.

Só com várias modificações os credores poderiam, por exemplo, apoiar a criação de uma entidade internacional para comprar e revender títulos da dívida externa do Terceiro Mundo. As mudanças teriam de ser

feitas para evitar que o risco de um mau negócio feito pelos bancos venha a ser transferido aos contribuintes dos países ricos.

A implementação de planos generalizados, segundo o Banco Mundial, enfrenta sérios obstáculos. Os diretores argumentam que se os bancos comerciais tiverem de vender uma parcela substancial dos títulos dos devedores, eles teriam prejuízos maiores do que as reservas que já fizeram para enfrentar eventuais atrasos de pagamento ou moratórias.

Por outro lado, se um alívio para a dívida fosse promovido através de uma nova agência internacional mantida por fundos públicos, muitos bancos poderiam transferir os riscos para essa instituição.

Por isso, a diretoria do Bird alega que não se deve esperar esse tipo de apoio por parte dos países ricos. “Na atual conjuntura, quando a austeridade fiscal ganha precedência em muitos países industrializados, pode não ser realista esperar apoio de um financiamento público para planos abrangentes para o problema da dívida”, diz o relatório.

● **REFINANCIAMENTO** — Técnicos do Ministério do Planejamento já estudam a participação brasileira na criação de uma agência internacional para o refinanciamento da dívida através da compra de títulos no mercado secundário. Segundo um assessor do Ministro João Batista de Abreu, o Governo brasileiro não apóia formalmente a fórmula para não parecer que está comandando uma espécie de cartel de devedores.